MÍSTICA DE UMA NOVA SOCIEDADE

Jane Dwyer e Kátia Webster

Grandes projetos na Transamazônica não são novidade.

A Transamazônica se definiu como "O projeto da terra sem homens para homens sem terra". Hoje esta terra tem homens e mulheres, mas cadê o projeto? As promessas continuam sendo só promessas. Os projetos continuam a aparecer e a segurança na terra, que sempre foi frágil, torna-se cada vez mais tênue, as condições de vida cada vez menos humanas.

Estes homens e mulheres vieram de situações difíceis: trabalhavam na terra dos outros, arrendados ou alugados, empregados sem futuro. Muitos vieram da dureza da seca: a promessa de água à vontade era um verdadeiro sinal de paraíso. Eles vieram com sonhos e esperanças de uma vida melhor.

A promessa de uma vida melhor começava com um pedaço de terra para trabalhar e tirar o sustento, mas incluía também a saúde e a educação. Um futuro feliz e livre para seus filhos e suas filhas. Realizar este sonho era entrar de cheio no grande projeto do governo. Para a maioria o sonho era ser dono de terra, ser seu próprio patrão, até fazendeiro.

Logo descobriram que estes sonhos não iriam se realizar da forma prometida. O que fazer? Muitos se desesperaram e foram embora. Outros, porém, ficaram e continuam a caminhar numa terra difícil, cada vez mais invadida por ameaças e sofrimento.

Uma parte daqueles que ficaram descobriu que diante do tamanho das dificuldades era necessário se unir, trabalhar juntos. Sozinhos não iam conseguir nada; sozinhos não iam mesmo sobreviver.

A necessidade despertou a luta coletiva, apontando uma experiência alternativa. Passos concretos foram dados a fim de garantir a permanência na terra: a formação de associações; a luta pela documentação destas terras; a luta pela construção de estradas nos travessões; a luta pela construção de escolas e a formação de professores; a formação de técnicos agrícolas entre seus filhos e suas filhas; um caminhão comunitário para o escoamento do produto; máquinas comunitárias para limpar o arroz; revendas comunitárias e mais recentemente a luta por postos de saúde; ... tudo isso e mais ainda para poder permanecer nesta terra, para realizar seu sonho de vida.

Mas nada disso foi possível sem a luta coletiva. Nesta luta, famílias vindas de estados e situações variadas, com costumes e culturas que não se encontravam com facilidade, aos poucos se tornaram "um povo" (Dt 10,19). No começo, apesar dos imensos desafios, a realização de uma experiência diferente e nova parecia mais do que possível.

Passaram os anos, novos projetos, maiores e mais lucrativos, invadiram a região. E o sonho do novo, do alternativo ficou cada vez mais longe, mais difícil de se realizar. As organizações populares se tornaram fracas, dispersas e até sem crédito no meio do povo. Algumas destas organizações transformam-se em instrumentos dos "outros projetos" e tudo pareceu perder o rumo.

Apesar disso, pessoas e comunidades continuam a lutar, caminhar e acreditar na possibilidade de uma experiência alternativa, igualitária e fraterna. Alguns são pioneiros, das famílias mais antigas, com uma memória viva das dificuldades e das lutas dos primeiros tempos; outros acabam de chegar: mulheres e homens, jovens e velhos...

Nasce a pergunta: diante desta realidade arrasadora, por que este povo continua a acreditar numa caminhada diferente? Como? De onde vem o sonho e a força da esperança?

Debruçando-nos sobre esta experiência, nos sentimos convidadas a refletir sobre o que motiva e dá força a esta caminhada, o que sustenta esta fé na possibilidade de criar uma sociedade diferente, onde os fracos e pequenos tenham vez e voz.

Por que este povo acredita naquilo que para muitos é pura ilusão e fantasia?

Como é que se recuperam dos desvios e dos deslizes na caminhada?

Qual o processo pelo qual conseguem discernir e dar nome a estes deslizes?

Como permanecem firmes no rumo escolhido?

O que norteia este rumo?

São perguntas difíceis.

Não temos uma resposta definitiva e sim uma reflexão a partir de Deuteronômio 11, sustentada numa caminhada de longos anos no meio das comunidades e movimentos do povo, uma caminhada que nos revela, até hoje, como é misteriosa e forte a presença de Deus no meio dos fracos e pequenos. Às vezes, onde menos esperamos, lá está ela!

Os exemplos concretos desta reflexão são tirados da nossa caminhada na Transamazônica. Porém, pela nossa experiência no norte-nordeste, sabemos que o que se encontra na Transamazônica se encontra, também, no Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Ceará e outros estados do nordeste, respeitadas as particularidades regionais. Também os casos citados não são únicos e nem só da Transamazônica.

Foi necessário escolher um ou outro para melhor ilustrar a mística encarnada no meio da caminhada do povo.

A experiência refletida nos ensina que é caminhando que se faz o caminho, que é no dia-a-dia que se constrói o alternativo, que a mística se torna o alternativo vivido e aprofundado na caminhada.

É esta mística que dá sentido à luta, à vida, à celebração e à morte. Ela se aprofunda, se apura na caminhada e nos transforma. Esta transformação é contínua e constan-

te, se torna uma postura diante da vida, uma postura pela qual tudo é filtrado, assumido ou descartado.

Ela é tão pessoal como coletiva e comunitária. E ela é imediata. O que vale é o que fazemos hoje. É no hoje que o amanhã se construirá. Esta mística toma conta, se torna a razão da vida inteira, faz desta vida uma integridade só.

Em que consiste esta mística? Deuteronômio 11 faz uma síntese daquilo que aparece mais detalhadamente nos capítulos que o antecedem.

Aparecem vários elementos, característicos da mística, que tentaremos colocar e aprofundar nesta reflexão: "amarás a Iahweh teu Deus e observarás continuamente o que deve ser observado" (Dt 11,1).

Essencial nesta caminhada é fazer o bem, andar nos caminhos de Iahweh, amando-o e servindo-o (Dt 10,12), hoje. Os caminhos de Iahweh são aqueles das pessoas que "não fazem acepção de pessoas, e não aceitam suborno; que fazem justiça ao órfão e à viúva, que amam o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa" (cf. Dt 10,17s).

"Portanto, amareis o estrangeiro, porque fostes estrangeiros na terra do Egito" (Dt 10,18-19). Este é o caminho de Iahweh, o Deus dos pobres, dos oprimidos e explorados, dos fracos.

O centro da vida, da experiência alternativa é o pobre, o oprimido, o fraco. São eles que devem estar no centro de nossas vidas e nortear as opções do nosso dia-a-dia. Isso deve acontecer na prática cotidiana. Não basta simplesmente cumprir as leis, as normas e os mandamentos. Precisa circuncidar o coração (Dt 10,16), se transformar radicalmente de dentro para fora, assumir a postura que Iahweh pede, a postura que Iahweh mesmo assumiu conosco: lutar para defender, preservar, libertar os fracos e indefesos, que são o centro de tudo.

Temos visto esta transformação acontecer em pessoas que se engajam na luta, que se colocam a serviço dos outros para a melhoria da vida de todos.

Lembramos de um homem que, 28 anos atrás, chegou à Transamazônica com sua família e soube transformar o seu sonho pessoal em projeto de terra para todos e condições de permanência nela para todos que chegavam. Este homem passou por uma transformação pessoal radical, foi uma verdadeira conversão que o jogou no sonho coletivo. Desde o começo, ele é quem sustenta e aprofunda este sonho no meio dos outros.

Seu papel pessoal, a força de sua presença na comunidade, sua motivação interior raramente aparecem abertamente, pouco ele fala, mas há nele um fogo que não o deixa quieto. Seus irmãos que vieram junto, mas fizeram outras opções de vida, o acham, no melhor dos casos, um iludido, no pior, um louco.

Fazer do pobre e do fraco o centro de tudo não é só coisa bonita de se ver. É a única experiência que nos faz ser um povo: um povo capaz de caminhar, de se libertar e de construir uma sociedade de solidariedade, fraternidade e partilha. É experiência viva de Iahweh Libertador, que derrotou os poderosos para defender seu povo e tirá-lo da

escravidão. É fé inabalável na presença de Iahweh na vida e na caminhada do povo porque vem da vivência pessoal e coletiva do braço estendido de Iahweh que realizou sinais e obras sem igual no Egito. Vem da memória de "quem nós éramos e quem nós somos hoje", da memória viva de ter sido escolhido, carregado, educado nos caminhos de Iahweh.

Um grupo de famílias sem terra ocupou uma gleba. Logo veio quem se dizia dono para expulsar as famílias. O povo estava seguro. Deus estava do lado deles, estava com eles. Sabia que tinha chegado sua vez de ganhar terra para trabalhar.

O dono mandou polícia e pistoleiros. Teve "cabra que passou noites na mata" mas não saiu da terra! Na luta cada um era e continua sendo muito importante. Ganharam a questão e o povo, hoje, está nos lotes, ainda sem documento, mas organizado e lutando por estrada, por escola dentro do travessão. Formou uma associação para financiar um plantio permanente. Organizaram suas casas de oração, pois tem evangélico e católico.

Ontem, eles eram sem-terra, vivendo encostados nos parentes ou como diaristas nas fazendas. Hoje, eles estão nos seus lotes, organizando seu travessão a fim de arrumar uma vida melhor para todos.

Eles não têm dúvida que foi Deus que os trouxe até aqui e que vai continuar com eles na luta para permanecer na terra.

A gratuidade da escolha e do acolhimento de Iahweh também marca a mística e a prática na experiência alternativa. Fomos escolhidos não porque o merecemos, e sim porque éramos escravos e oprimidos e foi o amor e o poder de Iahweh que nos libertou porque precisávamos d'Ele. Não foi nossa força, nem nosso caminho. Somos a obra de Iahweh. Mas somos a obra de liberdade.

Podemos escolher, pois conhecemos as opções possíveis, como também as conseqüências de cada escolha. Sabemos também que uma queda, um deslize pode ser perdoado e ajeitado, pois já experimentamos o perdão e a misericórdia de Iahweh, e esta misericórdia e gratuidade precisamos viver e partilhar com os outros.

Houve uma vez um confronto entre um fazendeiro com seus comandados e um grupo de colonos que lutavam para defender uma gleba de terra para outros sem-terra, para outros pobres, fracos e suas famílias. O fazendeiro insistia que a terra era dele.

A comunidade que vivia dentro desta área não defendeu os colonos. Tem até umas conversas que este povo se aliou com o fazendeiro. No fim a terra foi liberta; os colonos ganharam a questão.

O pessoal que morava dentro da área ficou tachado de traidor, perdeu a confiança dos demais. No decorrer dos anos, porém, este mesmo grupo tem feito uma caminhada, se integrando no meio dos outros e lutando juntos por uma vida melhor. Sem ter dito ou formalizado nada, o perdão e a misericórdia de Deus foram vivenciados.

Na prática, participando de mutirões, organizando grupos e projetos para melhorar a qualidade de vida do povo, fiéis nas reuniões e celebrações comunitárias, os relacionamentos foram crescendo na confiança e no companheirismo.

Prioritária em Deuteronômio 11, como também no meio do povo, é a força da Aliança. É a Aliança com Iahweh que norteia a caminhada e torna o povo fiel, que gera a perseverança e o compromisso. É a Aliança que faz do povo "um povo", que provoca e cria uma identidade própria e diferente. Esta Aliança se formou na saída do Egito e se consolidou durante os quarenta anos no deserto.

A Aliança promete a terra onde mana leite e mel, mas também leva pelo caminho da provação, da formação para que o povo possa viver nesta terra de promessa. O deserto leva o povo a se conhecer, a penetrar em seu próprio coração e se converter. O deserto revela a fraqueza e a fragilidade do nosso compromisso: Iahweh é fiel, o povo falha.

A construção do alternativo passa por muito deserto, deserto que provoca aprofundamento, limpeza, retirada de desvios, voltas para um caminho mais acertado. O deserto alimenta a humildade, corta o triunfalismo e o orgulho, relativiza absolutos e certezas mil.

O deserto faz crescer a força intrépida que nos faz continuar e enfrentar apesar da fraqueza e das derrotas. O deserto ensina a medir as vitórias e as derrotas com o olho e o coração de Iahweh, a fazer de derrotas passos de aprendizagem para a caminhada. E, às vezes, nos faz descobrir que algumas supostas vitórias são fatores que mais derrubam do que fazem avançar (Dt 11,16).

Quando olhamos as tentativas de viver uma sociedade diferente, solidária, coletiva e fraterna, nos defrontamos concretamente com a experiência do deserto. As máquinas de arroz estão paradas. As revendas acabaram. O caminhão comunitário não faz linha mais. As associações em geral tornam-se simples veículos para receber financiamentos. Não existe mais o aspecto de reflexão sobre a realidade, o aprofundamento dos problemas e a organização para lutas mais amplas. Alguns projetos comunitários nunca chegaram a nascer, morreram na fase de planejamento.

Não podemos dizer que todas estas supostas derrotas ou deslizes tenham a mesma causa. A conjuntura nacional acabou com algumas destas tentativas como, por exemplo, as pequenas revendas populares.

Outras experiências desintegraram-se por causa de problemas internos: ciúmes, comparações (quem ganhava mais, quem perdia mais), desconfiança entre pessoas, a atitude tão comum e difundida de pensar que o que é comunitário deve ser de graça...

Mas é deste "deserto" que sai o pequeno resto que continua refletindo estes acontecimentos, que nunca deixa de sonhar e criar outras experiências, a partir de problemas e dificuldades que surgem no meio das comunidades. É importante destacar aqui também, sem negar as fraquezas e falhas na caminhada, que nenhum projeto comunitário é eterno. Muitos projetos serviram bem no seu momento mas hoje não têm mais sentido. A conjuntura mudou.

O deserto nos leva à memória. É a memória que sustenta a mística, que gera a força e a garra para enfrentar a caminhada, a perseguição, o desânimo, a desilusão com os outros e com a gente mesma.

É no deserto que o povo resgata e faz reviver a memória. Na medida em que esta memória se torna viva e vivida, ela forma, inspira e aprofunda a mística. É lembrar a escravidão do Egito, a opressão, a dureza e o sofrimento. É lembrar e reviver os clamores e os gritos que saíram de nossas gargantas. Acima de tudo, é reconhecer o ouvido que escutou, o olho que enxergou, a mão que se estendeu: Iahweh que desceu e se colocou no meio do seu povo e o libertou.

É sentir, contar, reviver tudo de novo, reacender o fogo do primeiro amor para que ele nunca mais se apague. É lembrar também dos próprios deslizes, das infidelidades, das brigas, dos gritos de desespero e descrença. É sentir de novo a mão educadora de Iahweh, a mão que guia, norteia, repreende, cutuca mas nunca empurra, nem força.

É no deserto que o povo olha sua vida, avalia, reorganiza, se perdoa e recomeça a caminhar. É no deserto que o impossível se torna possível. Lá renascem a coragem e a força de enfrentar e acreditar de novo.

É no deserto que o povo se torna fiel e comprometido (Dt 8,1-6).

Uma experiência concreta que mostra a força e o poder do deserto.

Um assessor, que há longos anos está na caminhada do povo, olhando a situação atual, interna e externa, chegou a dizer que a proposta coletiva não tem mais credibilidade no meio do povo.

Alguns dias depois, na mesma área, uma mulher pioneira e participante ativa nas lutas ao longo dos anos e que por causa desta participação enfrentou sofrimentos e dificuldades na vida, declarou com paixão e firmeza numa reflexão de missionários: "é só a proposta coletiva que funciona!"

Os outros participantes confirmaram a colocação.

Todos reconhecem que a proposta é um desafio, que traz perseguição e sofrimento. Mas também acreditam, no íntimo do seu ser, que, apesar de tudo, aqui tem algo do novo, de alternativo brotando em nosso meio.

Vale a pena continuar.

É no deserto que nos confrontamos com os outros deuses e os tiramos de nosso caminho. É no deserto que nasce a coragem de acreditar em nossa própria experiência. Quem é que define a força e possibilidade do projeto coletivo? Por quê?

É na passagem pelo deserto que se aperfeiçoam os valores que sustentam a mística, que se aprofunda a prática que estes valores geram. É nesta prática que o povo se identifica como "um povo", gerador de uma experiência diferente, criador pela força e pelo poder de Iahweh.

O interessante é que estas práticas, muitas vezes, são consideradas impossíveis diante da conjuntura individualista e predadora em que vivemos. Somos testemunhas,

porém, de que nas comunidades onde algo "de novo, de diferente", está sendo ensaiado, o povo, na sua maioria, participa e procura colocar seus filhos e suas filhas nesta vivência.

A interdependência é uma das características destas experiências. O povo luta para não se perder na auto-suficiência e no individualismo. Há um reconhecimento profundo da necessidade mútua que existe entre eles. Esta interdependência se expressa em várias maneiras: a reunião, o mutirão, a partilha de tudo, a ajuda mútua, a alegria em estar juntos seja no trabalho, no encontro, na celebração, na oração, na festa ou na doença. É aqui que os pequenos e fracos são colocados no centro da vida, onde eles têm voz, vez e lugar. Aos poucos, este processo educa, cativa, se multiplica.

A luta em comum pelo indispensável, aquilo que precisa para saciar a fome e as necessidades básicas de todos: "o seu vinho, seu óleo, seu trigo, a erva do campo para o rebanho" (Dt 11,14) motiva e mobiliza.

O supérfluo e o acúmulo têm que ser combatidos, nem entram em pauta. Talvez não haja exemplo que melhor aponte para uma sociedade alternativa do que a partilha do arroz.

O arroz é o sustento básico da vida na Transamazônica. Quando a roça de arroz falha é uma grande preocupação. Temos visto gente, nestas comunidades, sobretudo naquelas que ainda lutam pela permanência, partilhar o arroz, abrindo mão do acúmulo, pessoal ou familiar, para o bem do outro.

Mesmo quando o arroz guardado é pouco, é muito difícil uma família não emprestar para a outra que não tem arroz. Enquanto tem arroz, o mesmo é partilhado. O pagamento é simplesmente um saco por um saco emprestado, nada de juros. Não é assim com o atravessador ou o rico, quando um saco emprestado deve ser pago com dois ou até três sacos.

Existe outra prática interessante. Quem tem uma boa roça de arroz deixa os outros que não têm entrar e cortar de meia. Quer dizer: aquele que vem cortar, de favor, fica com metade e o dono da roça com a outra metade. Isso entre famílias, pois, quando é entre patrão e arrendatário, a divisão é feita na base de um terço para quem corta e dois terços para o patrão.

A autoridade e direção sobre sua própria história se expressa de forma variada, às vezes dá o que conversar e debater. A terra onde mana leite e mel, é Iahweh quem dá.

Tem comunidades que não avançam, exigem e esperam do prefeito ou da autoridade competente. Quando não conseguem, mesmo depois de luta, a comunidade se acomoda, na espera inútil e queixosa.

Outras, porém, reagem de forma mais criativa e autônoma. Enfrentam a luta do começo ao fim. Exigir das autoridades competentes faz parte desta luta, mas a caminhada não se reduz a isso.

Por exemplo: uma comunidade tem necessidade de uma estrada. É questão de vida e morte, pois algumas pessoas já morreram afogadas por falta desta estrada com

pontes. Pelo contrato de assentamento, é o prefeito que tem a responsabilidade da construção e até recebeu dinheiro para executar a obra. O povo se organiza, luta, faz tudo que pode para que o prefeito cumpra seu dever. A luta da comunidade não pára na reivindicação ao prefeito; só pára com a estrada concluída, com a segurança do povo garantida. O prefeito que não faz, vai ser denunciado, criticado, mas o povo, no fim, achará um jeito de conseguir esta estrada (claro que o prefeito não sabe disto).

E quando o povo consegue a estrada, com ou sem prefeito, ela será uma obra de Iahweh, podem crer.

O que chama atenção, nestas práticas, é a autonomia e a autoridade de tomar conta de sua própria história não deixando-a, de forma alguma, nas mãos do Faraó.

A tendência do povo a se comparar influi muito na caminhada. Mas comparar com que ou com quem? Quando a comparação é para esclarecer, compreender melhor, educa (Dt 11,10). Mas quando se reduz a uma comparação entre pobres e fracos, buscando ser o melhor ou o maior, cria sua própria derrota.

A mística ajuda a se elevar, a valorizar-se uns aos outros, a aprender a celebrar e identificar-se com a alegria do outro. Comparar, sim, mas para afirmar e segurar nossa identidade: quem éramos e quem somos hoje, de onde viemos, por que e para quê.

Na sociedade em que vivemos hoje, estas práticas alternativas têm sentido no contexto de um projeto diferente, pois para a sociedade atual são pura loucura. São estas práticas (e outras mais) que alimentam e fortalecem a mística, a fazem crescer e se aprofundar.

Chegamos assim a um dos pontos mais importantes nesta reflexão: o aspecto educativo da caminhada.

Como continuar a se educar e mais ainda a educar os filhos e as filhas, as futuras gerações, nesta caminhada? Como deixar a semente viva, a chama acesa?

Pelo texto do Deuteronômio (11,18-21), esta educação não acontece na conversa, nem na sala de aula e, menos ainda, através de leis, mandamento e normas.

Acontece porque se cria um ambiente e um clima em que tudo se torna educativo, tudo é alternativo. Toma conta da família, do relacionamento do casal, dos pais com os filhos, parentes com parentes, vizinhos e companheiros(as).

Influi no relacionamento com o meio-ambiente onde tudo se torna criatura.

Influi na forma de organizar a produção, a vida de trabalho, as opções de trabalho.

Tudo tem que ser diferente, colocado a serviço dos pequenos e fracos: a escola, a igreja, os postos de saúde.

A vida inteira proclama esta diferença pela própria maneira de ser.

Houve um curso bíblico uns anos atrás. A maioria dos participantes eram jovens, filhos e filhas dos colonos. Formamos grupos a partir do tempo em que as famílias dos

jovens tinham chegado à Transamazônica. A tarefa era contar a história da Transamazônica.

O que se revelou, com esta atividade, foi que as famílias vieram com um sonho, o mesmo que o governo propagandeava. Elas, porém, ficaram e se engajaram na luta por um sonho diferente: a possibilidade de uma vida melhor conquistada através da luta coletiva, onde a solidariedade, a partilha e a fraternidade entre os pobres e os fracos são a base de tudo.

No encontro ficou evidente que as famílias conseguiram passar esta experiência de uma forma viva e apaixonada aos seus filhos e filhas e continuam a fazê-lo.

Enfim, se aponta para a experiência alternativa invertendo o processo em que vivemos hoje: onde domina o lucro, coloca-se a vida; onde determina o interesse dos ricos, coloca-se a necessidade dos pequenos e dos fracos; quando a força e o poder querem se exibir, apresenta-se o frágil e o humilde. Quando a teoria e o intelectual julgam, procura-se a confirmação e aprovação dos que vivem e andam neste caminho, os pequenos e os pobres de Iahweh.

Não aparecem receitas, nem modelos, mas sim experiências concretas e refletidas, experiências que têm raiz numa jornada de fé e esperança.

É algo pessoal e coletivo, é a vivência de hoje que torna possível acreditar na promessa do amanhã.

É com as mãos vazias de tudo, menos de pobres e fracos, que se pode pegar na mão estendida do Iahweh dos pobres e caminhar juntos.

Jane Dwyer
Kátia Webster
Caixa postal 6
Altamira – PA
68370-970